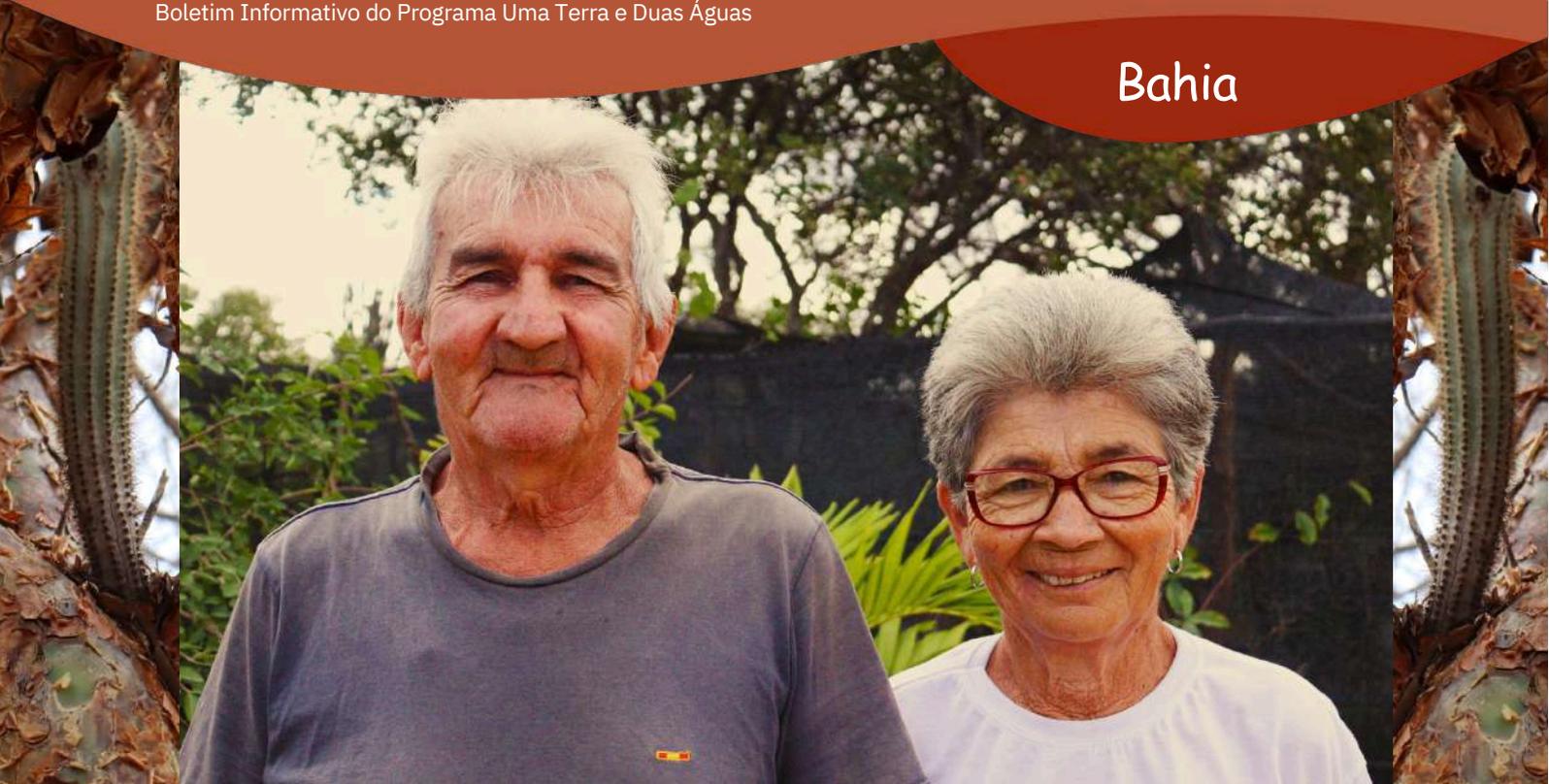


Bahia



Agricultura resiliente ao clima garante segurança alimentar e nutricional da família de dona Silvani e seu Abelardo

O verde do quintal da agricultora Maria Silvani Gonçalves dos Santos, popularmente chamada de dona Silvani, de 64 anos, demonstra resiliência em relação às práticas agroecológicas adotadas. A agricultora reside na comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Malhada da Areia, região de Pinhões, em Juazeiro-BA. Ela mora com o esposo Abelardo Pereira dos Santos, de 66 anos, e o filho, Zilquer Gonçalves dos Santos, 36 anos.

Sempre disposta a adquirir novos conhecimentos, dona Silvani participou da Escola de Formação para Convivência com o Semiárido, iniciativa do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa). A família sempre teve roça, mas só visitavam, porém depois da intensa formação de 15 dias iniciaram a organização da propriedade. Dona Silvani, conta com alegria como foi esse processo de realização de um sonho.

“Em 2012, eu já era apaixonada pela terra e queria produzir aqui na minha roça, então surgiu a oportunidade de participar desse ensinamento e eu não perdi tempo, corri, porque queria aprender. Eu aprendi muita coisa que eu boto em prática aqui”, conta a agricultora



A experimentação faz parte da vida de dona Silvani e seu Abelardo. Para o sucesso dessas experimentações, conhecer o contexto em que vive fez toda diferença, aprender sobre as práticas de convivência, bioma Caatinga, clima, água e solo. Ela destaca que o conhecimento sobre solos foi um dos aprendizados que a família adquiriu, a partir da formação e que hoje contribui para as práticas desenvolvidas na roça. “Conhecer cada solo diferente, cada terra diferente, qual é a mais forte e a mais fraca. Foi um divisor em tudo que eu sei. A parte de cobertura de solo, de fazer barreira de contenção de água. Aqui na minha roça que tem um lado que é mais alto, tem um mais baixo de tanto eu fazer barreira para a água ficar no solo. Então, eu faço muita barreira para segurar água no solo”, explica dona Silvani.

A família também faz uso do esterco como principal fonte de adubação das plantas, uso da cobertura vegetal para reduzir a perda de água, compostagem com resto de culturas e biofertilizantes a base de borra de café. Tudo na unidade produtiva da família é feito de forma agroecológica e sustentável.



A partir das práticas adotadas e com o uso de pouca água, a família produz uma diversidade de produtos para consumo familiar. No quintal, o casal cultiva hortaliças, plantas medicinais e ornamentais, fruteiras e palma forrageira. Além da produção vegetal, a família cria caprinos, ovinos e aves. Tudo é calculado, pois a fonte principal de água é a cisterna calçadão, que a família recebeu no ano de 2016, por meio do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), na época executado na região pelo Irapa. A água do reservatório atende à demanda de produção de alimentos para o consumo e dessedentação animal.



Outra fonte de água que os agricultores usam para produção é a água do reúso, da tecnologia bioágua familiar. Essa tecnologia social de convivência com o semiárido reaproveita as águas cinzas provenientes da lavagem de pratos, roupas, pias e do banho. A água então purificada é destinada para irrigação do palmar e plantas forrageiras exóticas, como leucena, gliricídia e moringa.

A irregularidade das chuvas na região tem demandado cada vez mais estratégias apropriadas para garantir a permanência das famílias no campo e para a produção sustentável. Juazeiro, na Bahia, tem uma média pluviométrica anual de 425,2 mm.

Com isso, o modelo de produção das famílias muitas vezes fica limitado. Dessa forma, as práticas de Convivência com o Semiárido com foco na redução de impactos das mudanças climáticas, manejo, gestão e uso da água da chuva tem contribuído para o Bem-Viver de famílias como a de dona Silvani e seu Abelardo

“Eu não posso mais plantar nada com a quantidade de água que eu tenho, tenho que estar revezando. Eu vou condicionando minhas plantas, que chega uma época em que elas não precisam mais ser molhadas, porque a água da chuva ela acumula na raiz. Aí eu só boto água quando ela está murchinha, já no final do verão. Então, isso me dá liberdade para botar outra coisa (planta) no lugar”, explica Silvani.





Dona Silvani faz cultivo de orquídeas e demonstra técnica para diminuir uso de água.



A agricultora aproveita cada espaço que tem em seu quintal.



A história de dona Silvani e seu Abelardo é a mesma de muitas famílias do Semiárido, que têm desenvolvido e adotado práticas sustentáveis que contribuem para a produção e enfrentamento às mudanças climáticas, porém ainda há muito a ser feito. As políticas públicas com investimento nas ações ambientais e de assessoria técnica continuada precisam ser mais assertivas e contextualizadas.

Realização



Apoio